OS USOS DO VERBO ‘VER’: UM PARADIGMA EVIDENCIAL GRAMATICALIZADO NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS EUROPEU E BRASILEIRO?

Victória Maria Oliveira da Silva [1], Izabel Larissa Lucena Silva [2]

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo geral descrever e analisar a gramaticalização do verbo perceptual “ver” como marcador de evidencialidade no português europeu e brasileiro. Tal estudo está abrigado numa pesquisa mais ampla intitulada “A gramaticalização de verbos perceptuais: um estudo pancrônico nas variedades do português europeu e brasileiro”. Considerando a gramaticalização como um processo elaborativo-criativo motivado por aspectos cognitivo-comunicativos originados nas interações linguísticas (GIVÓN, 1984), delimitamos nossa investigação sobre os verbos perceptuais aos diferentes usos evidenciais do verbo “ver”, com vistas a verificar se tais usos podem ser alocados em um cline de gramaticalização que indicie para a categorização de um paradigma evidencial gramaticalizado no português europeu e brasileiro (CASSEB-GALVÃO, 2001). Metodologicamente, utilizamos dois bancos de dados referentes às variedades do português europeu e brasileiro: o corpus CENTEMPúblico, formado por textos do jornal português Público e o corpus CENTENFolha, constituído por textos do jornal Folha de São Paulo. No que diz respeito aos resultados da pesquisa, constatamos que o verbo perceptual “ver”, por ser um item multifuncional, apresenta-se como um forte “candidato” a integrar o paradigma evidencial gramaticalizado nas variedades do português.

Palavras-chave:

Verbos Perceptuais. Evidencialidade. Gramaticalização. Variedades do Português.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, e-mail: vic.unilab@gmail.com

[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente, e-mail: izabel_larissa@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do fenômeno da gramaticalização nos verbos perceptuais vêm ganhando espaço na investigação linguística de vários pesquisadores. Matos (2012), por exemplo, analisou em sua dissertação de mestrado o processo de gramaticalização e a polissemia do verbo "ver", na qual propõe pelo menos três usos do verbo com o objetivo de atestar uma trajetória de mudança semântica, que consiste em um percurso unidirecional do uso mais concreto para um uso mais abstrato e metafórico, sendo esse um indício do fenômeno da gramaticalização. Outro estudo desenvolvido em Língua Portuguesa é o de Carvalho (2004), que apresenta em sua tese de doutorado uma análise funcionalista das cláusulas encaixadas em verbos perceptivos e causativos, com ênfase no processo de gramaticalização. Nessa mesma linha de estudos linguísticos, há exemplos de trabalhos em Língua Inglesa, como os de Sweetser (1990) e Votre (1999), que também analisam o processo de mudança semântica dos verbos perceptuais.

Considerando tais investigações e sabendo que o verbo perceptual "ver" exerce diferentes funções semânticas que refletem, a partir de sua polissemia, características que apontam para o fenômeno da gramaticalização, objetivamos, na presente pesquisa, investigar a categorização de tais usos na constituição de um paradigma evidencial gramaticalizado nas variedades do português europeu e brasileiro. Essa hipótese tem como base o fato de que o verbo perceptual em estudo assume diferentes funções evidenciais, tendo seu escopo de atuação ampliado do nível representacional (camada do estado de coisas) ao nível interpessoal (camada do conteúdo comunicado).

D'Aglio-Hattnher (2018), tendo como base a Gramática Discursivo-Funcional, divide a evidencialidade expressa pelos verbos evidenciais em três subtipos nas camadas do nível representacional, sendo eles: (i) Percepção de Evento (que atua na camada do Estado-de-Coisas, indicando se um evento foi testemunhado pelo falante ou não); (ii) Dedução (que atua na camada do Episódio, revelando a dedução da ocorrência de um Episódio com base em uma evidência disponível percebida pelo falante); (iii) Inferência (que atua na camada do Conteúdo Proposicional, indicando que um determinado conteúdo é inferido pelo falante com base em seu conhecimento de mundo). No Nível Interpessoal, a autora apresenta, ainda, o subtipo Reportatividade, que atua na camada do Conteúdo Comunicado e indica que o falante está retransmitindo um conteúdo que foi produzido por outro falante dentro do seu próprio Ato Discursivo (VENDRAMI-FERRARI, 2012).

A gramaticalização, segundo Hengeveld (2011), é um processo no qual os elementos linguísticos alargam seu escopo, o que quer dizer que elementos evidenciais com menor escopo desenvolvem-se em itens evidenciais com escopo maior de atuação, ou seja, passam a atuar em camadas ou níveis gramaticais mais altos (D'AGLIO-HATTNHER, 2018, p. 100). Tal previsão diacrônica tem repercussões sincrônicas, uma vez que, se o verbo "ver" é polissêmico, isto é, exerce diferentes papeis semânticos, em razão de um processo de abstratização metafórica, isso significa dizer que o verbo "ver" alarga suas funções evidenciais em uma trajetória unidirecional, que tem como domínio fonte usos mais concretos do verbo para usos mais abstratos, ou seja, seu escopo de atuação expande-se num contínuo de distribuição sincrônica das camadas do Nível Representacional para as camadas do Nível Interpessoal.

METODOLOGIA

Em nossa análise, utilizamos dois bancos de dados referentes às variedades do português europeu e brasileiro. No que tange à coleta das ocorrências do português europeu, utilizamos o corpus CENTEMPúblico, que é composto, aproximadamente, por 180 milhões de palavras retiradas do jornal português Público entre os anos de 1991 e 1998. Para a coleta de ocorrências do português brasileiro (PB), trabalhamos com o CENTENFolha, um corpus eletrônico composto por cerca de 24 milhões de palavras do PB, constituído por textos do jornal Folha de S. Paulo publicados no ano de 1994. Em nossa análise, conseguimos obter um total de 753 tokens correspondentes ao uso evidencial do verbo "ver" nas variedades do português europeu e brasileiro.

Com relação ao procedimento de pesquisa utilizado na coleta das ocorrências no CENTENFolha e no CENTEMPúblico, dentre as opções disponíveis, utilizamos a concordância do verbo como ferramenta para a busca do fenômeno. Isto é, escolhemos formas mais prototípicas em que o fenômeno da evidencialidade é constatado, no pretérito perfeito vi que, vi a, vi o, etc; e no tempo presente (vejo que, vejo a, vejo o). Assim, a

partir desse procedimento, delimitamos corpora de análise com ocorrências que apresentaram o fenômeno e descartamos resultados que não atendiam às marcas evidenciais, como a ausência de uma segunda cláusula ou a negação do verbo de percepção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da noção de que no âmbito da GDF os verbos que expressam evidencialidade podem indicar um processo de gramaticalização a depender do alargamento do seu escopo e tendo em vista a hipótese de que os diferentes usos evidenciais do verbo "ver" podem categorizar um paradigma evidencial gramaticalizado nas variedades do português, coletamos tokens que correspondem aos usos evidenciais do verbo "ver" no PE e no PB. Na tabela 01, a seguir, podemos verificar o percentual referente ao total de ocorrências coletadas nas variedades do português europeu e brasileiro:

Tabela 01 - Total de ocorrências coletadas no PE e no PB.

Variedades do português	**Nº de Ocorrências**	**Percentual**
Português Europeu (PE)	467	62%
Português Brasileiro (PB)	286	38%
	753	100%

Fonte: autora.

Na tabela 01, podemos perceber um total de 753 ocorrências coletadas correspondentes aos usos do verbo "ver" no PE e no PB. No PE, constatamos 467 ocorrências, que correspondem a aproximadamente 62% do total de ocorrências na consideração de ambos os bancos de dados utilizados na pesquisa. Já no PB, atestamos um total de 286 ocorrências, correspondente a um percentual de 38% dos dados coletados. Tal diferença em relação à quantidade de ocorrências não indica que o PE constitui a variedade menos marcada no que diz respeito à frequência de uso do verbo "ver", uma vez que os bancos de dados utilizados para a coleta das ocorrências da pesquisa diferenciam-se quanto ao volume textual. Como dissemos, o CENTEMPúblico, banco de dados referente ao PE, apresenta 180 milhões de palavras ao passo que o CENTENFolha, banco de dados referente ao PB, apresenta 24 milhões de palavras, isto é, uma diferença de volume textual que corresponde a 156 milhões de palavras a mais para CENTEMPúblico. Além disso, se compararmos o número de tokens coletado com a faixa amostral de cada variedade de português, verificamos que o PB é a variedade em que mais ocorre usos evidenciais do verbo "ver" em relação ao volume de palavras que constitui os bancos de dados utilizados para a coleta das ocorrências, com um percentual de 0,000012% enquanto que o PE apresenta o percentual de 0,0000026%.

Na tabela 02, a seguir, podemos verificar o percentual de ocorrências tendo em vista as diferentes funções do verbo “ver” como marcador de evidencialidade:

Tabela 02 – Os usos do verbo “ver” na totalidade das ocorrências.

Percepção de evento		**Inferência**		**Dedução**		**Reportatividade**		**Total de Ocorrências**	
N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
318	42,2%	250	33,2%	110	14,6%	75	10%	753	100%

Fonte: autora.

Na tabela 02, podemos notar que a função mais frequente relacionada aos usos evidenciais do verbo “ver” é a Percepção de Evento, que atua na camada do Estado-de-Coisas no Nível Representacional, com 42,2% das

753 ocorrências coletadas. Ou seja, o verbo “ver” é mais frequentemente utilizado em sua função evidencial para indicar um estado-de-coisas que foi testemunhado pelo falante por meio de uma percepção sensorial. Em seguida, temos a função inferencial como o segundo uso evidencial mais recorrente, com 250 ocorrências, o que equivale a 33,2% do total de dados coletados. Nessa função evidencial, o verbo “ver” passa a operar na camada do Conteúdo Proposicional no Nível Representacional, indicando que o falante inferiu um Conteúdo Proposicional com base em seu conhecimento de mundo. Em terceiro lugar, podemos observar a subcategoria Dedução, com 110 ocorrências, equivalente a 14,6% da totalidade dos dados. Ao assumir essa função evidencial, o verbo “ver” incide sobre um Episódio que é deduzido com base em uma evidência disponível percebida pelo falante. Segundo D’Aglio-Hattnher (2018), no caso dos verbos perceptuais, essa evidência é percebida por meio da percepção sensorial. Encontramos, ainda, ocorrências que revelam o uso do verbo “ver” atuando na camada do Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal, com 75 ocorrências, correspondente a 10% do total dos dados. Nessa função reportativa do verbo “ver”, o falante indica que está retransmitindo um conteúdo comunicado que foi declarado por outro falante dentro de seu próprio Ato Discursivo. As ocorrências (05), (06), (07) e (08), representam, respectivamente, as funções descritas anteriormente:

(05): “Parecia que a minha casa vinha a baixo e quando corri para o exterior vi o Hotel Internacional, um prédio de quatro andares, desabar...” (CETEMPúblico. Acesso em: 30 de abril).

(06): “Então, para ficar mais perto do seu texto e poder pensar melhor essa questão, vejo que a análise dos filmes procura mostrar as marcas da ambivalência, da tensão, do jogo de culturas.” (CETENFolha. Acesso em: 30 de abril).

(07): “Depois, abri um bocadinho, vi que tinham ido embora e fugimos para as matas.” (CENTEMPúblico. Acesso em 30 de abril).

(08): “Ontem vi no jornal que o desemprego já vai em nove por cento.” (CENTEMPúblico. Acesso em 30 de abril)

Das acepções do verbo “ver” ligadas ao Nível Representacional, os dados quantitativos revelam que o verbo “ver” tende a ser mais utilizado, primeiramente, em sua acepção mais básica, ou seja, concreta, ligada à percepção sensorial visual (como demonstra a ocorrência 05). A segunda função mais frequente é a relacionada à capacidade inferencial do falante de elaborar um construto mental, fruto de um raciocínio lógico baseado em seu conhecimento de mundo (como ilustrado na ocorrência 06). A terceira acepção ligada ao Nível Representacional diz respeito a um processo cognitivo híbrido (dedução), em que temos uma elaboração mental do falante, motivada por uma evidencia disponível no contexto de interação (como exemplificado em 07). Nessas três acepções, podemos dizer que o falante se apresenta como fonte da informação; todavia, o sentido de “ver com os olhos” (Percepção de Evento) sofre uma abstratização e passa a significar “ver com a mente”. Esse sentido de “ver com a mente” pode, ainda, ganhar conotações diferentes, a depender do ‘input’ envolvido no processo mental: na Inferência, o raciocínio lógico é baseado em informações armazenadas na memória de médio ou longo prazo do falante; na Dedução, por outro lado, uma percepção sensorial antecede o processo mental (dedução), funcionando como ‘input’ do processo cognitivo.

No nível Interpessoal, relacionado às intenções comunicativas do falante, ainda que menos frequente que os outros usos do verbo “ver” registrados no Nível Representacional, temos uma acepção de “ver” no sentido reportativo do termo. Nessa acepção, “ver” significa “ouvir-dizer”, ou seja, “de ter acesso a informação por meio de uma fonte indireta” (como é possível ver na ocorrência 08).

A tabela 03, a seguir, registra o percentual referente à utilização do verbo “ver” em relação à variedades do português europeu e brasileiro:

Tabela 03 – Os usos do verbo “ver” no PE.

Variedade do português	**Percepção de evento**

Inferência

Dedução

Reportatividade

Total

Nº

%

Nº

%

Nº

%

Nº

%

N°

%

Português Europeu (PE)

202

43,2%

148

31,7%

62

13,3%

55

11,8%

467

100%

Português Brasileiro (PB)

116

40,6%

102

35,7%

48

16,7%

20

7%

286

100%

Fonte: autora.

Como podemos verificar, a frequência de uso das funções evidenciais do verbo “ver” nas variedades do português não diferem muito em relação aos dados apresentados na tabela 2. Além disso, há entre as variedades, um comportamento quantitativo muito semelhante. Todavia, é interessante observar uma pequena diferença entre as variedades em relação às funções evidenciais Inferência e Dedução. No PB, parece haver uma tendência maior para o uso desses subtipos evidenciais. Tais dados corroboram a pesquisa de Silva (2013), que sugere uma diferença entre o PE e o PB no que diz respeito ao “jogo” que os falantes de ambas as variedades fazem no que se refere à pressuposição, experiência cognitiva diretamente relacionada à capacidade lógica dos falantes em gerar conhecimento a partir de conhecimento prévio não explicitado diretamente no discurso (disponível apenas ao falante – Inferência) ou a partir de dados disponíveis no contexto, que motivam a elaboração cognitiva (Dedução).
Tendo em vista, portanto, tais usos, podemos propor a seguinte escala de gramaticalização que atesta a trajetória de mudança da forma fonte “ver” no sentido de perceber com a visão” até chegar ao item alvo desse processo, que é “ver” no sentido de reportativo do termo:
Percepção de Evento > Dedução > Inferência > Reportatividade.

CONCLUSÕES

Nesse estudo da polissemia do verbo “ver”, tivemos o objetivo de analisar o processo de gramaticalização envolvido nos diferentes usos desse verbo na categorização de funções evidenciais nas variedades do português europeu e brasileiro. Acreditamos que a hipótese de um paradigma evidencial em processo de gramaticalização do verbo “ver” deve ser relativizada, uma vez que o uso evidencial mais frequente do verbo “ver” é o atrelado ao seu sentido [+concreto].

Por outro lado, foi possível atestar que o verbo “ver”, em razão de sua multifuncionalidade, tem seu escopo de atuação alargado para camada e níveis mais altos, passando do Nível Representacional ao Interpessoal, tal como pressupõe a Gramática Discursivo-Funcional. Se distribuirmos essas funções em um contínuo, podemos verificar que o verbo “ver está alargando seu escopo de atuação para camadas e níveis mais altos: Nível Representacional (camada do Estado-de-Coisas > camada do Episódio > camada do Conteúdo Proposicional) > Nível Interpessoal (Conteúdo Comunicado). Tais funções, como podemos observar, se distribuem em um cline de abstratização metafórica que vai de usos [+ concretos] para usos [+ abstratos] no Nível Representacional, e ainda, no Nível Interpessoal, para um uso [+ discursivo].

AGRADECIMENTOS
Agradeço ao Programa de Iniciação Científica e à Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – PROPPG/UNILAB que me concedeu a

oportunidade e o auxílio necessário para a construção desta pesquisa. Agradeço, também, à minha orientadora Profa. Dra. Izabel Larissa, por toda a paciência e por me propiciar a experiência com a pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cristina dos Santos. Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista. 2004. 251f. Diss. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CASSEB-GALVÃO, Vânia. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 13, n. 2, p. 305-335, 2011.

FERRARI, Valéria Vendrame. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivofuncional. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012.

HATTNHER, Marize Mattos Dall'Aglio. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 98-111, set. 2018.

LUCENA, IL. A expressão da evidencialidade no português escrito do século XX no contexto dos gêneros textuais. 2013. 200f. Diss. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MATOS, Priscila T. Evidências sobre a polissemia e a gramaticalização do verbo "ver". Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2012.